



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS - CIPE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA**

HERONIDES NUNES NETO

**O SEMI-ÁRIDO NORDESTINO: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DO LIVRO
DIDÁTICO E SUAS REPERCUSSÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2012**

HERONIDES NUNES NETO

**O SEMI-ÁRIDO NORDESTINO: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM DO LIVRO
DIDÁTICO E SUAS REPERCUSSÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia na modalidade a Distância como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Orientador: Msc. Luciano Vieira Dutra

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

N972s Nunes Neto, Heronildes.
O semi-árido nordestino [manuscrito]: um estudo sobre a abordagem do livros didático e suas repercursões no ensino de geografia. /Heronildes Nunes Neto. – 2012.
16 f.

Digitado.
Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Geografia). – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof. Me. Luciano Vieira Dutra, Departamento de Geografia”.

1. Ensino de Geografia 2. Semi-árido. 3. Livro didático I. Título.

21. ed. CDD 372.891

HERONIDES NUNES NETO

**O SEMI-ÁRIDO NORDESTINO: UM ESTUDO SOBRE A ABORDAGEM
DO LIVRO DIDÁTICO E SUAS REPERCUSSÕES NO ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia na modalidade a Distância (Pro-licenciatura) como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Aprovado em 31 / 03 / 2012

COMISSÃO EXAMINADORA



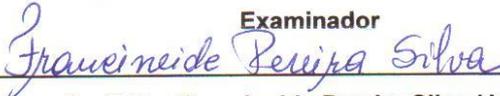
Prof. Ms. Luciano Vieira Dutra / UEPB

Orientador



Prof. Esp. Alexandre Wállice Ramos Pereira / UERN

Examinador



Profª Ms. Francineide Pereira Silva / UEPB

Examinadora

O SEMI-ÁRIDO NORDESTINO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: OS CONTEÚDOS NO LIVRO DIDÁTICO.

NUNES NETO, Heronides¹

Resumo: Com as transformações ultrapassadas nos últimos tempos pela Geografia, a realidade mostra a face didática inovada pela educação ambiental, que alicerça pela construção do conhecimento a partir da prática regional e do laboratório real, ou seja, a utilização do lugar em que se vive como meio de aprendizagem, dos conteúdos específicos, e com interdisciplinaridade, construindo faces a sub-temas que são úteis no desenvolvimento de um aprendizado crítico sobre o meio vivido e com isso, surge a prática da educação ambiental. Os livros didáticos recém formulados e que estão sendo utilizados atualmente no ensino da Geografia, já trazem em seu conteúdo programado essas realidades, regionais, os quais tratam de sub-temas relacionados ao meio ambiente, problemáticas e conseqüências entre o ser humano, suas ações e as conseqüências. Dentre estes conteúdos, especificamente o Semi-Árido do nordeste brasileiro, que é abordado desde suas características geomorfológicas e climáticas, até politizar socialmente a realidade do “ser humano” que ali vive, é esse contexto social dos desafios enfrentados impostos pela realidade natural deste espaço, a abordagem deste artigo reflete como tem sido trabalhado esse tema no ensino da geografia, a partir do conteúdo dos livros didáticos.

Palavras chaves: Geografia, Semi-Árido, Livro didático, Ensino, Educação Ambiental.

¹ Aluno do curso de licenciatura plena em geografia – UEPB Campus IV – Catolé do Rocha/PB.

THE NORTHEAST SEMI-ARID IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY

NUNES NETO, Heronides¹

Summary: With the outdated transformations in recent times by geography, the last reality shows the face teaching environmental education, which innovated by founds by construction of knowledge from the regional practice and real laboratory, i.e. the use of the place in which they live as a means of learning, specific content, and interdisciplinarity, building faces the sub-themes that are useful in the development of a critical learning about half livedwith that, comes the practice of environmental education. The newly formulated and textbooks that are being currently used in the teaching of geography, already bring in your scheduled content these realities, regional, and dealing with sub-themes related to the environment, problems and consequences between the human being, their actions and the consequences. Among these contents, specifically the Semi-arid Brazilian Northeast, which is discussed since its geomorphologic characteristics and climate change, to politicize socially the reality of "human being" that there lives, is this social context of the challenges imposed by the natural reality of this space, the approach of this article reflects how this theme has been worked in the teaching of geography, from the content of textbooks.

Keywords: Geography, dry meddle, textbook, teaching, environmental education.

¹ Student degree full in geography-UEPB Campus IV-Católé do Rocha/PB.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 Os fundamentos para o ensino da geografia atual.....	9
3 O livro didático de geografia no ensino fundamental e a relação do ensino com o Semi-Árido.....	11
4 Conclusão.....	15
Referências.....	16

1 Introdução

O processo de aprendizagem de maneira geral exige uma série de requisitos didáticos para que possa de fato ter seu objetivo concretizado, uma vez que, a capacidade de compreensão e interpretação entre os seres humanos não consiste na mesma proporção, diz-se que a capacidade de aprendizagem não segue o mesmo ritmo, o que exige cada vez mais inovação na maneira de se propor o ensino de qualquer disciplina.

Sendo assim, a renovação metodológica no ensino público, além de proporcionar a formação de cidadãos, com plena capacidade de exercerem seus direitos e deveres, deve primar pela formação de sujeitos autônomos e capazes de transformar o mundo. Nesse sentido, a ensino público não pode aceitar ou perpetuar uma educação bancária, meramente transmissora de informações, descontextualizada de uma ação concreta e significativa. Destacando o caráter transformador da educação, Paulo Freire (1983, p. 57) destaca que “minha presença no mundo não é a de quem nele adapta, mas de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”. Portanto, de acordo com o autor supracitado, é fundamental que o ensino público possa formar cidadãos críticos e autônomos perante seus problemas, sujeitos que sejam ativos e estrelas do enredo da vida real, e não apenas passivos e coadjuvantes.

A geografia não se difere das demais disciplinas quanto às orientações didático pedagógicas, no contexto geral exige atenção aos ensinamentos do professor e leitura, mas além da leitura escrita, a leitura espacial e a interpretação de legendas e outros sinais que apontam as informações sobre os mais diversos temas como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's.

É no campo da leitura e compreensão da organização do espaço, que surge a necessidade de que os livros, dentre outros materiais didáticos, oportunizem ao discente o maior número de informações, de preferência contextualizadas, tanto escritas, como por visualização de gráficos, mapas, croquis e outros meios, que possam induzir a imaginação, além de oferecer um conteúdo que seja significativo para os estudantes.

No entanto, percebemos que por anos a produção do acervo bibliográfico disponível no estudo da geografia, no que diz respeito ao ensino fundamental e médio, seguia apenas a regras tradicionais, onde a reflexão humana, social, ou mesmo ambiental, eram ocultados. O conteúdo priorizava a leitura do mundo físico, e rarefeitamente quantitativos sociais, com números sobre as populações, o que não abria espaço a discussão ao pensamento crítico, era

uma maneira de um aprendizado empírico, que desconsiderava a reflexão crítica. Esse modelo de ensino caracterizou a geografia por muitos anos.

Com o processo de renovação da geografia a partir de meados dos anos 60 do século XX, os autores também iniciaram o processo de transformação das suas obras literárias, seguindo a orientação das críticas que ao longo do tempo surgiram, que abrangiam desde a necessidade de abrir espaço para discussões, bem como, para um modelo regionalista.

Este último modelo que vem sendo seguido e orientado pela prática da interdisciplinaridade, acompanhando a formação de uma educação voltada para o meio ambiente e a sociedade, não separando os atores, mas sim, compreendendo quem está envolvido no cenário, e que maneira um influencia ao outro, positivamente, ou de forma desequilibrada, de modo negativo.

É nessa perspectiva de um ensino inovador e crítico que são encontrados atualmente livros didáticos de geografia com uma nova roupagem, apresentando os requisitos previstos nas matrizes curriculares dos parâmetros curriculares, sem refutar as características próprias da geografia tradicional, que são indispensáveis, mas que a todo momento busca abranger a nova geografia, com seus métodos de compreensão do espaço.

Essa inovação prioriza a interação entre ser humano e meio ambiente, influências de ambos, uma cultura fundamentada no que o mundo educacional atribui como educação ambiental, aprender sobre a convivência do ser humano com a natureza de maneira respeitosa, sustentável, sem desmerecer a necessidade íntima que temos com os recursos naturais.

Sendo assim, entendemos que uma nova proposta de ensino inclui a adoção no conteúdo de como se mostra a realidade social, características da pobreza, e que influências comerciais, bélicas, de conflitos diversos são existentes, nas fronteiras político-geográficas. Essa discussão destaca como os temas sociais atingem o meio ambiente natural, seja pela modificação do meio, seja pela poluição, ou mesmo pelos resíduos que são lançados sem destino apropriado, dentre os mais diversificados temas.

Mas na contextualização de sub-temas que surgem em meio ao conteúdo mais geral, é a observação da realidade regional que dá melhores condições de discussão aos professores, onde é possível fazer do seu próprio meio um laboratório, observando todos os aspectos, introduzidos em sala de aula pelo livro didático e deste mesmo obtendo a questionamentos para a prática educacional.

Dentre os diversos conteúdos trabalhados no ensino de geografia, abordaremos no presente trabalho os aspectos relacionados ao ensino do semi árido, temática trabalhada na maioria da vezes no 7º ano do ensino fundamental.

Dessa forma, nosso principal objetivo é analisar como a temática supracitada é trabalhada nos livros didáticos de geografia, identificando falhas ou mesmo a negligência desse tema. Entendemos que os livros devem propor um estudo racional e de linguagem voltada em consonância com a faixa etária das pessoas envolvidas no projeto de construção do conhecimento. O livro didático, bem elaborado, desperta para a necessidade de conhecer melhor o seu ecossistema levando-os a melhorar o seu clima e aperfeiçoando para um convívio em harmonia com a natureza. Esse deverá ser o papel da escola na educação e transmissão do conhecimento de politizar sua comunidade. Mesmo perfeitamente adaptados à convivência com a rusticidade permanente do clima os trabalhadores do semiárido não podem conviver com a miséria, o desemprego aviltante, a ronda da fome e o drama familiar criado pelas secas prolongadas. Nesse sentido é pura falácia perorar, de longe que é necessário ensinar o nordestino a conviver com a seca (AB'SABER, 1985).

2 Os fundamentos para o ensino da geografia atual.

O ensino da disciplina de geografia no Brasil é algo que tem passado ao longo dos últimos anos por transformações, desde a fundamentação da geografia como disciplina específica e a sua introdução no meio acadêmico como uma nova licenciatura.

Na década de 40 do século XX, na Faculdade de Filosofia de São Paulo iniciaram as primeiras licenciaturas em geografia, inspiradas nas correntes filosóficas de Vidal de La Blache¹, construíram uma disciplina que se objetivou apenas a leitura descritiva do meio natural, ou do homem, sem reflexão analógica, ou comparativa pelos fundamentos gerais da geografia, motivada apenas numa prática empírica, desprovendo os meios racionais que proporcionavam o desenvolvimento como ciência, aos alunos não era imposto o senso crítico, tornando-se um conhecimento acrítico.

A meta da escola tradicionalista para o ensino da geografia estava ligada diretamente a ligação do homem com a natureza, de forma objetiva, buscava formular Leis gerais de interpretação, tornando a geografia não-politizada, argumentando uma suposta neutralização do discurso científico. Era uma formação por exposição ao homem do que há na natureza, e o como essa pode ser entendida a partir do espaço natural apresentado.

¹ fundador da École française de géographie e também fundou, juntamente com Lucien Gallois, a "Annales de Géographie" (1893), da qual La Blache foi editor até sua morte. "Annales de Géographie" se tornaram um influente periódico acadêmico, promovendo o conceito de geografia humana como o estudo do homem e sua relação com o meio ambiente.

No entanto, em meados dos anos 60, surge a crítica à geografia tradicional, ancorados nas correntes filosóficas marxistas, os geógrafos nortearam a crítica no discurso das relações entre o trabalho e a apropriação humana da natureza para produzir e distribuir os bens necessários as condições naturais que garantem a sobrevivência e existência humana.

Ambas as geografias tradicional e marxista ortodoxa não consistiam a um discurso sólido e começaram a sofrer novas influências a partir da década de 1980, o mundo não necessitava mais de ser apenas descrito, quanto a sua natureza, ou quanto a realidade da existência humana, mas a sensibilidade entre o ser humano e suas interferências no meio natural, o homem em sociedade, e a capacidade deste em sociedade de transformação da natureza e as influencias posteriores destas mudanças na sociedade humana. Surge assim uma nova realidade, subjetiva, com dimensões maiores e que amplamente aborda uma integração com mais de uma ciência.

Desta nova visão da geografia foi possível ver o homem não apenas como um ser individual, mas sim como um ser sociável, e que as suas relações com a natureza estão perceptíveis subjetivamente, esclarecendo no momento presente um pouco do futuro pela construção histórica do passado, o meio passa a ser alvo do estudo não só descritivo, mas de hipóteses, outrora, o homem – ou melhor, a sociedade não é apenas estudo quantitativo, numérico, mas sim de uma sensibilidade maior entre suas relações interiores.

Com essa nova geografia é perceptível que se abandonou a descrição empírica² do homem e da natureza, foi constituída na geografia uma nova ciência, com o uso do método racional, sensível a explicar o homem vivendo em sociedade e as influencias do trabalho na transformação, ou modificação da natureza, surgindo novas discussões, ou sub temas interdisciplinares, tratando especificamente das problemáticas sociais e ambientais.

Diz-se que a nova geografia assumiu o papel sócio-ambiental³, no caráter educativo. Hoje se prioriza o direito a pensar, a criticar, como exemplo: um jovem que antes olhava para o rio, apenas aprendia suas características físicas, hoje, ele reflete a utilidade do rio, a qualidade da água, a necessidade da população em extrair dali seu alimento pescando ou cultivando com beneficio das margens.

² movimento que acredita nas experiências como únicas (ou principais) formadoras das idéias, discordando, portanto, da noção de idéias inatas.

³ Diz-se de um termo conjunto que vê o meio ambiente como uma causa social, onde a idéia maior fundamenta-se em não dividir as condições

Esse novo papel do ensino da geografia constitui a um novo processo de ensino, a educação ambiental, ou seja, a formação crítica das relações entre o ser humano e a natureza, como o homem esta explorando o meio ambiente, conseqüências e o tema central aplicado à sustentabilidade.

Com as transformações estruturais, o método didático no ensino da geografia também foi modificado, os livros didáticos já trazem no programa de seus conteúdos os sub-temas, que tratam da educação social e ambiental, e o currículo escolar exige que sejam introduzidos nas aulas o método interdisciplinar.

3 O livro didático de geografia no ensino fundamental e a relação do ensino com o Semi-Árido.

Ancorado nas transformações do conteúdo, os paradigmas da educação para o ensino da geografia no ensino fundamental incorporaram as inovações da nova metodologia, renovando de maneira bem clara os objetivos educacionais da disciplina, para integração do ser aprendiz com a crítica da realidade entre o ser humano e suas transformações sobre o meio natural. Nesse processo educacional, cabe destacar o papel do livro didático, importante instrumento de ensino. Sobre o livro didático, Muniz tece as seguintes considerações:

Para além de posições extremas, que ora vêem o livro escolar como instrumento imprescindível de auxílio ao professor, ora como aparelho centralizador e reproduzidor de ideologias, não nos cabe, pelo menos a princípio, condenar ou defender o LD. Muitas questões estão envolvidas. É certo que há aspectos, como a padronização (gerando homogeneidade e repetição de conteúdos) e o recorte que faz do mundo, que podem impor sentidos e muitas vezes silenciar as contradições materiais de uma sociedade de classes. Não pretendemos aqui estabelecer nenhum juízo, apenas reconhecer sua importância e problemática, pois, para além das divergências, o fato é que o LD, desde o início do processo de massificação do ensino nos anos 60 do século passado, ainda é o principal recurso organizador das atividades escolares, o que sugere inúmeras possibilidades de investigação para a pesquisa em Educação.

Entendemos que o conteúdo a ser ministrado numa sala de aula deve ser construído de maneira a seguir uma ordem, devem iniciar os conhecimentos básicos sobre a leitura dinâmica do espaço natural, conhecimentos voltados para o mundo físico, desta maneira sendo possível orientar-se diante de um mapa, ampliando o poder da imaginação em situar-se no espaço geográfico, e para isso temos a enorme colaboração do livro didático.

Da necessidade e pela cultura da construção do ensino, os livros didáticos são elaborados segundo os novos conceitos técnicos educacionais, os livros de todas as

disciplinas, como no caso da geografia, que inovam no conteúdo didático a partir de um modelo regionalista, que vislumbra a paisagem local e seus adereços humanísticos e naturais.

Os conteúdos abrangem novos critérios, como a discussão sobre a paisagem natural, porém, de maneira que propõe ao educando a visualização do lugar, e ter a percepção do espaço em relação aos conhecimentos da geografia física, humana, e na conjunção de ambos os aspectos.

No início do nosso trabalho, partimos da perspectiva de que o estudo do semi-árido não é devidamente contextualizado na disciplina de geografia trabalhada no ensino básico. Tínhamos a compreensão, fruto de alguns anos convivendo em meio a educação, que o ensino do semi-árido e do bioma caatinga não ocorria, na maioria das vezes, de forma satisfatória.

Percebemos que a temática sobre o semi-árido, assim como sobre a caatinga, quando não é abordada nos livros didáticos, o é de forma insuficiente. Contudo acaba fazendo com que a discussão no ensino básico sobre as condições naturais nas quais vivem boa parte da população nordestina seja carente de um maior aprofundamento. Isso se deve, em parte, ao fato da prática do professor de geografia ficar, na maioria das vezes, “amarrada” aos conteúdos que são “impostos” pelos livros didáticos.

Entendemos que o processo de escolha do livro didático se constitui num momento de suma importância que antecede o processo ensino-aprendizagem, visto que significa o momento onde os professores podem avaliar as coleções disponíveis em todos os seus aspectos, podendo com isso, pelo menos teoricamente, optar por aqueles livros que melhor condizem com a realidade nas quais os professores trabalham. No entanto, não é isso que verificamos na prática, pelo menos tendo como base nossa experiência na educação básica.

A grande difusão dos livros didáticos se deve, no nosso entender, a dois principais fatores: primeiro, pelo fato dos livros serem distribuídos gratuitamente pelo governo federal por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), fazendo com que grande parte dos estudantes brasileiros, inclusive nordestinos, tenha acesso a tal recurso didático; segundo: devido ao fato do livro facilitar o trabalho pedagógico do professor, visto que o mesmo trás os conteúdos “prontos”, cabendo ao professor apenas segui-los.

A discussão sobre as questões naturais do semi-árido no ensino da geografia ocorre, na maioria das vezes, tendo como suporte teórico materiais didáticos produzidos em outras regiões do país, principalmente na região sudeste do Brasil, dificultando uma prática mais contextualizada e significativa para nossos estudantes do semi-árido.

Assim, acreditamos que essa não contextualização do bioma caatinga e do semi-árido no ensino de geografia gera diversas lacunas no ensino dessa disciplina. Dentre as

consequências negativas, podemos destacar: a falta de conhecimento a respeito das condições naturais do semi-árido ou mesmo a criação de conceitos pejorativos ou estereótipos a cerca da caatinga. Além disso, a falta de estudo sobre as condições naturais de nossa região dificulta a discussão e atuação perante os mais diversos problemas ambientais que afligem o semi-árido, a exemplo do processo de desertificação.

Ademais, isso tudo gera nos estudantes uma falta de conhecimento acerca do ecossistema que o cerca, bem como sobre as razões da semi-aridez e do fenômeno da seca, impossibilita que os mesmos desenvolvam uma consciência ambiental, assim como dificulta que os estudantes se posicionem criticamente perante os fenômenos que afetam a região nordeste.

Entendemos que a mídia também cumpre um papel importante no sentido de não contribuir para uma discussão mais contextualizada sobre o semi-árido, já que repassa uma imagem distorcida da região nordeste. Se referindo ao semi-árido nordestino, Malvezzi (2007, p.11) destaca que:

“Vendeu-se a imagem de uma região árida, não semi-árida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca”.

Tal perspectiva cria e repassa a falsa idéia de que as condições naturais do semi-árido nordestino são os verdadeiros responsáveis pelos problemas políticos e sociais existentes na região.

Observando mais atentamente alguns livros didáticos de geografia do ensino fundamental, observa-se que inicialmente é provocado um choque cultural em relação ao modelo de discussão dos anos anteriores, visto que a abordagem do tema antes era de uma reflexão das causas determinantes que a natureza impõe ao homem sertanejo, sempre apresentando a seca como fenômeno que impossibilita a vida humana e suas atividades nas regiões do Semi-Árido.

Isto abre lacuna ao que antes já havia sido abordado, quando ainda são presentes as idéias da geografia tradicional, que apenas observa a natureza com distinção ao homem, o que a crítica na construção do conhecimento geográfico na atualidade mostra que não podemos em nenhum momento separar o homem da natureza, nem ao menos podemos deixar de mostrar o lado físico natural, mas sim, constituir um olhar sobre o todo, sobre os efeitos do trabalho do homem sobre esse meio, ou mesmo, sobre as ações dos fenômenos naturais sobre

o homem, sem determinismo, e sim, focalizando o espaço generalizado, por ações, atos e reações.

Os livros didáticos recentes e que foram vistos antecipando a esta produção, apresentam duas distinções, estas diante da data de suas edições, visto que esta data reflete ao que antes foi discutido em função do método da geografia de interpretação social e ambiental, ou seja, foram vistos livros do ensino fundamental editados no início dos anos 90, cujos autores apenas utilizaram a visão tradicional da geografia de perceber apenas aos critérios físicos do mundo.

Já os livros editados com data posterior ao ano 2003, já vem compostos pela nova geografia, com a discussão social, envolvendo a questão ambiental aos problemas ambientais, além lógico de trazer os novos sub-temas, voltados a chamada Educação Ambiental, que valoriza a compreensão do espaço natural e das populações, e dentre estes o tema Semi-Árido, discutindo as condições geomorfológicas, mas contribuindo com a análise social, das populações ali existentes, que vivem em conflito com as realidades climáticas.

As condições climáticas sempre foram o foco maior nas discussões sobre o nordeste brasileiro, especialmente nesta faixa interiorana, dominada pelo clima Semi-Árido, pela visão climática é dada explicação do por que das características da vegetação, esta que forma o Bioma da Caatinga.

É um amplo campo a ser discutido, especialmente explorando as características como foi visto a nível nacional esse território, os efeitos das estiagens sobre a população, as mortandades, pobreza, miséria humana, história descrita em livros da literatura portuguesa e brasileira, que podem ser base de atividades interdisciplinares com recortes de textos aproveitados nos próprios livros didáticos.

4 Conclusão

O livro didático é de suma importância no cenário educacional, ele traz em sua programação semipronta uma reflexão humana, social e ambiental em que outras décadas ocultadas.

A partir dos anos 60 foi despertado nos meios acadêmicos o interesse das relações homem natureza, onde se deixa o empirismo e parte para a geografia do concreto baseado no pensamento Freireano “é dando que se recebe”, que fala do respeito ao meio natural tirando dele tudo que precisamos de maneira sustentável para não prejudicarmos o solo, a fauna e a

flora do meio em que vivemos. O livro didático bem elaborado nos dá essa orientação alicerçada na construção do saber proporcionando um conhecimento significativo.

O livro didático se bem trabalhado, em consonância com seu público alvo, trará um resultado de satisfações empolgando e atraindo os educandos ao hábito da leitura e conseqüentemente formando e construindo saberes deixando de ser um produto, uma mercadoria ou enfeites visuais mostrando a sua utilidade na construção do conhecimento do espaço geográfico e paisagens.

Referências

- AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1985.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais. História e geografia**. 3. ed. Brasília: 2001.
- FIGUEIREDO, J. B. de A. ; SILVA, M. E. H. da. **Educação ambiental para a convivência solidária com o semiárido**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT22-5434--Int.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2012
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MALVEZZI, R. **Semi-árido – uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007. (Pensar Brasil). Disponível em: <http://www.asabrazil.org.br>. Acesso em: 15 Mar. 2012.
- MUNIZ, Cellina Rodrigues. **A leitura da identidade nordestina no livro didático: um exemplo de prática excludente de ensino**. Disponível em: http://www.educacao.ufjf.br/artigos/n3/numero3-leitura_de_identidade.pdf. Acesso em 20 Jan. 2012.